



G

TRUNFOS DE UMA
EOGRAFIA ACTIVA

DESENVOLVIMENTO LOCAL,
AMBIENTE,
ORDENAMENTO
E TECNOLOGIA

Norberto Santos
Lúcio Cunha

COORDENAÇÃO

ALGARVE: DINÂMICAS SOCIODEMOGRÁFICAS E POLÍTICAS PÚBLICAS

ALGARVE, UM «PORTUGAL EM PONTO PEQUENO»

Jorge Gaspar (1993) refere-se à região algarvia como «um Portugal em ponto pequeno», ou ainda, um «*Portugal deitado*». Aqui se observam, «rodando os eixos», as principais componentes do País, em formato reduzido: as duas unidades geológicas mais marcantes – orla sedimentar e Maciço Antigo; a oposição Litoral-Interior em termos de desenvolvimento sócio-económico e de densidade demográfica; a bipolarização do sistema urbano Portimão-Faro versus Porto-Lisboa» (Gaspar, 1993: 178).

Já Orlando Ribeiro (1998) e Carminda Cavaco (1976) haviam discorrido sobre a diferenciação entre formas de povoamento e de produção agrícola na região, de Sul para Norte. Serra, Barrocal e Litoral revelavam um crescendo de urbanização associado à actividade portuária que é acentuado pelo desenvolvimento turístico claramente concentrado na costa algarvia. Entre o povoamento rural disperso do interior serrano - coroado em Monchique e pela serra do Caldeirão - e o desenvolvimento de um sistema urbano costeiro ficaria o barrocal, zona intermédia de contacto cujas condições naturais e sócio-económicas não se apresentavam nem tão atractivas como no litoral nem tão inóspitas como em grande parte do Algarve serrano.

Para além desta divisão geográfica de sentido Norte-Sul, são conhecidas outros eixos para separar o Algarve ocidental, que liga o território ao oceano Atlântico (conhecido *grosso modo* como Barlavento), da zona oriental designada comumente como Sotavento. As fronteiras territoriais desta e de outras divisões não são unânimes¹. De qualquer modo, não é errado estabelecer que a «separação faz-se geralmente por Faro» (Ribeiro, 1998: 162). Na verdade, para Jorge Gaspar (1993) a centralidade geográfica e economico-administrativa de Faro, capital de distrito, leva à identificação de uma terceira área: o Algarve Central.

De uma forma relativamente sintética são estes os eixos tradicionais da situação geográfica do Algarve: o eixo Norte-Sul – Serra, Barrocal, Litoral; o eixo Este-Oeste – Algarve Oriental, Central e Ocidental. No que diz respeito ao presente texto, estas coordenadas serão utilizadas como um ponto de partida na identificação das dinâmicas sociodemográficas mais recentes.

¹ A propósito da definição da região algarvia e suas sub-regiões de acordo com critérios históricos e físicos/ambientais ver a revisão de Prista (1993) no capítulo sobre o Alto Barrocal nas regionalidades algarvias.

Em 2008 foi publicado um estudo de caracterização da estrutura económica da região algarvia encomendado pelo NERA – Associação Empresarial da Região do Algarve (coord. Guerreiro, 2008). Ensaia-se uma análise de clusters (ao concelho) que confirma o destaque de Faro e Portimão enquanto pólos regionais onde há concentração de recursos, mais poder de compra, maior vitalidade económica, recursos humanos mais qualificados e uma maior dinâmica populacional. Em drástico contraste, surge um «interior despovoado» (Aljezur, Monchique, Alcoutim, e Castro Marim), em «cenário de «morte social»» (Guerreiro, 2008:17), risco de desertificação, carência de actividades económicas, serviços e infra-estruturas de apoio à população. Entre estes extremos surgem dois outros clusters: o Barlavento Litoral (Vila do Bispo, Lagos, Lagoa, Albufeira e Loulé), municípios urbanos caracterizados pela forte presença de população não residente, parque habitacional extenso com volumetria elevada e níveis altos de conforto e um mercado de trabalho dinâmico; e o Algarve Intermédio (Silves, São Brás de Alportel, Olhão, Tavira e Vila Real de Santo António) com um comportamento misto, integrando tendências do litoral urbanizado e do interior desertificado.

Procurando uma leitura sociodemográfica mais fina, ainda que exploratória, realizou-se uma análise de clusters cuja unidade foi a freguesia. Seleccionaram-se variáveis que apontassem para as condições de habitabilidade, padrões de povoamento, níveis de escolarização e estrutura etária da população². Demos ainda ênfase à evolução temporal realizando a análise de clusters para dois momentos: para 2001, integrando variáveis de variação 1991-2001, e para 1991, integrando aqui a variação 1981-1991³.

Seguiu-se o método não hierárquico no agrupamento dos clusters⁴ de forma a associar as variáveis à constituição dos grupos de freguesias e daqui resultaram, numa primeira instância, três grupos para cada momento (2001 e 1991). Dois grupos são claramente distintos e opostos: as freguesias representativas da dinâmica de urbanização e as que estão inscritas em factores de marginalização. O terceiro cluster é intermédio em termos da sua

² População residente (nº); Taxa de variação da população (%); Índice de envelhecimento (%); População 0-14 anos (%); População 15-24 anos (%); População 25-64 anos (%); População com mais de 65 anos (%); Taxa de variação da população 0-14 anos (%); Taxa de variação da população 15-24 anos (%); Taxa de variação da população 25-64 anos (%); Taxa de variação da população com 65 ou mais anos (%); Taxa de analfabetismo (%); População residente com ensino superior completo (%); Taxa de actividade (%); Edifícios (nº); Alojamentos por edifício (nº); Taxa de variação dos edifícios (%); Alojamentos sem pelo menos uma infra-estrutura básica (%); População que reside em lugares com mais de 2000 habitantes (%).

³ De 1981 a 2001 o número e a dimensão das freguesias algarvias foi-se alterando. Para a realização da análise de clusters para 1991 foram utilizadas as freguesias existentes em 1981 de modo a estabelecer uma análise comparativa e dado que se utilizavam taxas de variação 81-91. O mesmo já não acontece para 2001, uma vez que o INE disponibiliza actualmente os dados de 1991 já às freguesias existentes em 2001, tendo sido estas as utilizadas para a constituição dos clusters neste caso. Contudo, foi tida em conta esta questão em termos analíticos e de interpretação da evolução da constituição dos grupos.

⁴ O agrupamento em clusters foi realizado através do método não-hierárquico (k-means), utilizando o software de estatística SPSS. No algoritmo usado pelo SPSS são identificados, no início do processo, vários centróides ou centros de cluster, sendo que recorre-se previamente ao agrupamento hierárquico como meio de sugestão do nº de clusters a definir. O processo começa com um conjunto inicial de k médias e os casos são classificados com base na distância euclidiana relativamente a essas médias, passando por um processo de iteração (recálculo das médias e da pertença de cada caso aos clusters face às novas médias) com vista a otimizar a pertença de cada caso a um dos k clusters.

composição sociodemográfica, integrando um conjunto de freguesias com características menos vincadas. Para aprofundar a leitura e dada a importância da evolução temporal, decompôs-se este último em dois sub-grupos distintos utilizando a taxa de variação da população – separam-se as freguesias que apresentam tendências regressivas das que obtêm algum crescimento populacional. Ficamos com quatro perfis territoriais: uma área em processo de urbanização, uma área em marginalização e duas em posição intermédia – uma em crescimento e outra em regressão demográfica.

Considerando as variáveis que definem cada grupo, realça-se primeiramente que a caracterização de cada cluster não se altera muito entre 1991 e 2001. Contudo, como veremos posteriormente, a sua configuração territorial regista alterações assinaláveis⁵. Vejamos a caracterização destes clusters nos dois momentos escolhidos (ver fig.1 e 2).

As freguesias em urbanização caracterizam-se pela dimensão populacional: maior volume e concentração (elevada percentagem de população residente em lugares com mais de 2000 habitantes), mais população activa e instruída (baixa taxa de analfabetismo e elevada percentagem de população com ensino superior completo). Também o edificado urbano existe em maior quantidade e densidade, com um maior número de alojamentos por edifício, e exhibe melhores condições em termos de infra-estruturas (menos alojamentos sem pelo menos uma infra-estrutura básica). É uma área que demonstra níveis de urbanização mais elevados e uma dinâmica de crescimento forte, apresentando taxas de variação da população, total e em todos os grupos etários, mais positivas, o mesmo se verificando para a taxa de variação dos edifícios. Corresponde às freguesias mais urbanas e sedes de concelho destacando-se a centralidade de Lagos, Portimão, Albufeira, Loulé/Quarteira, Faro, Olhão, Tavira e Vila Real de Santo António.

Em 2001 já não contamos neste cluster com Silves, Sagres e Fuseta⁶. Em paralelo há ainda o reforço das centralidades de Faro, em ligação com Olhão, Loulé e São Brás de Alportel, mas também o crescimento de Albufeira. Neste grupo não podemos deixar de destacar o aumento populacional, por um lado, das freguesias de Ferreiras e Olhos de Água e por outro, de São Brás de Alportel que irrompe para Norte, na direcção da serra, a progressão do cluster em urbanização.

O cluster em marginalização encontra-se claramente marcado pelas lógicas da desertificação populacional e de envelhecimento. São freguesias com um índice de envelhecimento mais elevado, depauperadas em termos populacionais, em particular ao nível da população activa, e em perda acentuada com taxas de variação negativas. A população residente apresenta níveis mais elevados de analfabetismo e uma percentagem muito reduzida de pessoas com o ensino superior completo. Neste grupo, não há população a residir em lugares com mais de 2000 habitantes. É a serra algarvia que, de 1991 para 2001, acentua o processo de marginalização.

Em 2001 constituem este cluster todo o concelho de Alcoutim, as freguesias serranas de Loulé, de Tavira e de Castro Marim, para além do concelho de Monchique (excepção

⁵ Ainda assim, de 1991 para 2001, as variáveis relacionadas com a composição etária da população tendem a ganhar poder discriminante, apesar das variáveis «proporção de população a viver em lugares com mais de 2000 habitantes» ou a «taxa de analfabetismo» tenderem a perder alguma importância. Contudo, em ambos os momentos o «índice de envelhecimento» e a «taxa de analfabetismo» são das variáveis mais discriminantes, tal como as condições de habitabilidade em termos de infra-estruturação das habitações.

⁶ Relativamente à freguesia de Fuseta a evolução deve-se a questões mais ligadas à reconfiguração geográfica da freguesia (perdeu território para a freguesia de Moncarapacho).

feita à freguesia sede de concelho) e freguesias de Aljezur (Bordeira) e Silves (São Marcos da Serra). Relativamente a Alcoutim, um dos três concelhos algarvios sem ligação ao litoral (com Monchique e São Brás de Alportel), destaca-se o facto de nem a sede de concelho escapar à marginalização. Neste sentido, a leitura à freguesia torna-se indispensável numa região em que os valores médios concelhios escondem variações determinantes no comportamento regional.

O cluster *intermédio* (em regressão ou em crescimento) reúne o maior número de freguesias e exibe comportamentos próximos ora da lógica da urbanização ora da marginalização. Relativamente à sua evolução, embora apresente globalmente valores mais próximos da média, a variação da população (total e por grupos etários) comportava-se positivamente na constituição do cluster para 1991, enquanto para 2001 apresenta valores negativos, ainda que não muito elevados. Isto é, o perfil dos sub-grupos intermédios aproximava-se, em 1991, mais do perfil de urbanização no que respeita à dinâmica de crescimento populacional⁷ enquanto que em 2001 os *centróides* de todas as taxas de variação do cluster intermédio se comportavam negativamente.

Quanto à geografia do grupo intermédio destacamos dois aspectos. Por um lado, observamos alguma regressão no lado ocidental, com freguesias como Sagres ou Silves a perderem dinamismo (em 1991 ocupavam o cluster de maior urbanização). Outras freguesias de Aljezur e Vila do Bispo, com uma dinâmica de crescimento de 81 para 91, registam na década seguinte uma tendência de regressão. Agrava-se ainda a situação socio-demográfica do nordeste algarvio do qual quase desaparece o perfil intermédio, deixando de haver uma área de transição entre urbanização e marginalização.

A análise da configuração geográfica dos clusters completa-se com a leitura da respectiva composição ao nível da população.

Quadro 1 – Evolução dos quatro perfis territoriais (nº freguesias e pop. residente)

Perfis	1991				2001				1991-2001 Variação população
	Freg.		População		Freg.		População		
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	
Área em urbanização	23	27,4	191511	56,1	26	31,0	258438	65,4	34,9
Área em crescimento	27	32,1	82016	24,0	24	28,6	77990	19,7	-4,9
Área em regressão	20	23,8	52312	15,3	16	20,2	38925	9,8	-25,6
Área em marginalização	14	16,7	15565	4,6	18	20,2	19865	5,0	27,6
Total	84	100	341404	100	84	100	395218	100	15,8

Fonte: elaboração própria com base em INE

– Recenseamento Geral da População e da Habitação (RGPH) 1991 e 2001

A evolução mais determinante é a expansão da urbanização. As áreas em urbanização aumentaram a população em cerca de 35%, sendo que quase dois terços da população algarvia passa a residir nestas freguesias. Contudo, outros dados emergem: a perda de

⁷ Apresentando aliás um valor negativo nos centróides apenas para a taxa de variação da população com mais de 65 anos.

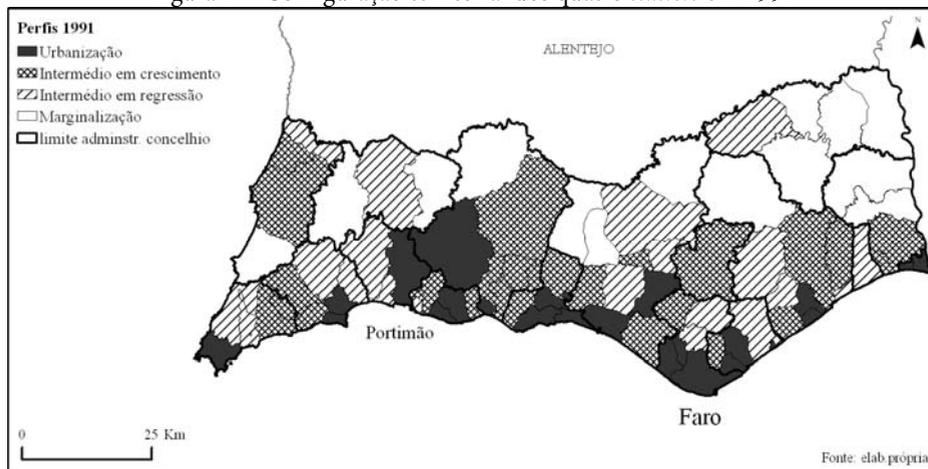
importância das situações intermédias (tanto dos territórios em regressão como os de crescimento) e o reforço da população das freguesias em depressão demográfica (aumenta quase 30%)⁸.

DOS PERFIS ÀS VISÕES DO PLANEAMENTO REGIONAL

Na territorialização dos perfis (ver fig. 1 e 2) resumem-se as tendências da análise anterior, reforçando-se a imagem da expansão da urbanização para territórios que, em 1991, se caracterizavam pela sua composição intermédia, freguesias tradicionalmente associadas ao barrocal. Se em 1991 existia alguma correspondência entre a situação geográfica do barrocal e a sua composição sociodemográfica intermédia, observa-se, para 2001, uma alteração consubstanciada na urbanização de freguesias do interior.

Este processo é particularmente visível nos concelhos do Algarve Central. Reforça-se a centralidade da capital de distrito, que se expande para zonas litorais contíguas (desde Albufeira, a Oeste, até Tavira, a Leste) e para territórios próximos da serra (destaque para São Brás de Alportel). Identifica-se uma agudização da assimetria entre as áreas de urbanização e as áreas em marginalização. A posição intermédia do barrocal esvazia-se ao fortalecerem-se os factores de maior polarização territorial.

Figura 1 – Configuração territorial dos quatro *clusters* em 1991

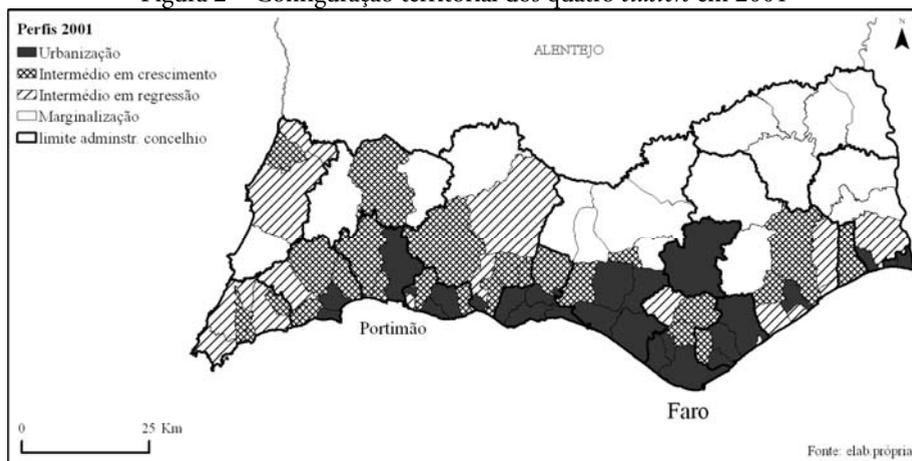


Esta dinâmica não parece afectar com a mesma intensidade o Algarve ocidental. A área de urbanização polarizada pelo eixo Portimão-Lagos perdeu algum fulgor. Silves, por exemplo, compunha em 1991 o cluster das freguesias mais urbanizadas surgindo em 2001 associado ao perfil intermédio de crescimento. Parece que a tradicional bipolarização entre as

⁸ Convém reforçar que esta última leitura diz-nos não que está a crescer a população nos locais deprimidos mas, pelo contrário, a lógica da marginalização, ao abranger mais freguesias afecta mais a população algarvia, para além de continuar relativamente constante e reduzida a percentagem de população que vive no Algarve interior, em marginalização.

áreas urbanas de Faro e de Portimão tornou-se ela própria mais desigual a favor da primeira. Não que se caminhe para um sistema unipolar⁹, mas é inegável o reforço de urbanização a partir do «coração central» da região. Enquanto Faro parece dinamizar um sistema articulado à sua volta, a ocidente Portimão concentra grande parte da atractividade, em detrimento de um sistema mais articulado com Lagos ou Silves, por exemplo.

Figura 2 – Configuração territorial dos quatro *clusters* em 2001



Quadro 2 – Evolução da população 1981 - 2001 no Algarve, ao concelho

Unidades territoriais	1981-1991	1991-2001	2001-2007
Portugal	0,3	5,0	2,5
Algarve	5,5	15,8	7,9
Albufeira	21,7	50,6	21,0
Alcoutim	-13,1	-17,5	-15,5
Aljezur	-1,0	5,6	0,9
Castro Marim	-6,8	-3,1	-1,5
Faro	12,5	14,4	1,2
Lagoa	7,3	23,1	18,1
Lagos	9,3	18,0	12,2
Loulé	5,8	27,0	9,5
Monchique	-23,9	-4,6	-11,9
Olhão	6,5	10,9	7,4
Portimão	12,7	15,4	10,1
S. Brás de Alportel	0,3	33,3	21,9
Silves	4,9	2,8	6,2
Tavira	1,0	0,6	1,7
Vila do Bispo	1,1	-7,2	1,8
V. Real de S.to António	-11,9	24,7	2,7

Fonte: INE - RGP 1981, 1991, 2001; AERA 2007

⁹ Aliás, superior a esta leitura generalista não se pode deixar de realçar que Faro e Portimão continuam a destacar-se em termos do nível de urbanização de todo o restante Algarve.

Serra	Da Costa Vicentina ao Baixo Guadiana, o centro-interior do Algarve. Caracteriza-se pelo fraco dinamismo económico, pela rarefacção do povoamento e pela forte presença de actividades pecuárias e florestais.
Baixo Guadiana	Constituída por partes dos concelhos de Vila Real de Santo António, Castro Marim, Tavira e Alcoutim. Esta unidade existe em função de uma identidade construída em torno do Rio Guadiana e da fisiografia da bacia hidrográfica, caracterizando-se pela desertificação física e humana e uma quase inexistente base económica e produtiva.
Costa Vicentina	Inclui a maior parte dos concelhos de Aljezur e Vila do Bispo, exibindo uma paisagem costeira bem particular. Povoamento pouco intenso, em pequenos núcleos rurais e elevado valor cénico e ecológico associado também a um enquadramento histórico-cultural. Caracteriza-se por um fraco dinamismo económico e insuficientes acessibilidades. Pretende-se potenciar a ligações destes dois concelhos com Lagos como eixo de desenvolvimento de um «triângulo vicentino».

Fonte: Adaptado de PROTAL, 2007

É interessante observar as alterações veiculadas pela perspectiva do PROTAL face a outros estudos recentes mas anteriores sobre a região, como é o caso da Estratégia de Desenvolvimento do Algarve para o período 2000-2006 (CCDR-Algarve, 2000). A estratégia enunciada para o Algarve para 2000-2006 (CCDR Algarve, 2000) define também quatro subsistemas: o Litoral (entre Lagos e Tavira), o subsistema Costa Vicentina, o subsistema Guadiana (ainda integrava o núcleo urbano de VRSA) e o subsistema Serra/Barrocal (abrangia uma área de transição entre a serra despovoada e o litoral, com características predominantemente rurais). A estratégia 2007 – 2013 (CCDR; 2006) já vai buscar como base o diagnóstico e a estratégia do PROTAL.

Observando a evolução da visão regional 2000-2006 e o PROTAL, destacam-se duas alterações: na divisão territorial do PROTAL o núcleo urbano de Vila Real de Santo António deixa de fazer parte do sub-sistema Guadiana para integrar o Litoral e, mais determinante, o Barrocal deixa de estar associado ao sub-sistema Serra para passar a estar mais ligado ao Litoral. Isto é, nas visões integradas no processo de planeamento algarvio evidenciou-se também o processo de polarização territorial. Em sobreposição a esta visão dualista surge um *sistema urbano* mais complexo que, segundo o PROTAL, se organiza a partir de um conjunto diferenciado de centralidades¹⁰.

Um dos objectivos do PROTAL é transformar esta espécie de *arquipélago urbano* (Ferrão, 2002; Carmo, 2008), constituído por diferentes nódulos, numa proposta de sistema *policêntrico*, através do incremento das interações e complementaridades entre várias áreas urbanas. A este propósito podem ter máxima importância o que o documento apresenta como sendo os pontos de ligação entre as centralidades apresentadas e os eixos de articulação¹¹.

¹⁰ Faro-Loulé-Olhão, com ligações a São Brás de Alportel e Quarteira/Vilamoura e Almancil; Portimão – Lagos – Lagoa, com ligações a Silves; Albufeira – Guia, em articulação com as duas centralidades anteriores; Vila Real de Santo António – Castro Marim, com ligações a Andaluzia; Tavira, fazendo a interligação entre Vila Real de Santo António – Castro Marim e Faro.

¹¹ O PROTAL enuncia 4 eixos de articulação do sistema urbano, para além das aglomerações já apresentadas: o eixo de articulação central (Albufeira, Guia), o eixo de articulação interior/litoral (Silves, Loulé, São Brás de Alportel), o eixo de articulação do triângulo vicentino (Aljezur, Vila do Bispo, Sagres, Lagos) e o eixo de articulação transversal serrano (Alcoutim, Pereiro, Martim Longo, Cachopo, Salir, Benafim, Alte, S. Bartolomeu de Messines, S.

Considerando os traços essenciais do PROTAL, deparamo-nos com algumas similitudes relativamente à análise de *clusters* tendo por base dois fenómenos coexistentes: a polarização territorial e a complexificação do sistema urbano. Ambos marcam a geografia da região e remetem necessariamente para escalas de análise diferenciadas. A polarização não é uma tendência recente na região, desde os anos 1970 que o Algarve apresenta uma dupla polarização – temporal e espacial – dado o grande desenvolvimento turístico do litoral algarvio (Moreno, 2001). Esta leitura vem, contudo, confirmar a extensão para Norte e para Este da litoralização em termos de urbanização, embora para Oeste tal não aconteça: o barrocal junta-se ao litoral e juntos abarcam ainda Vila Real de Santo António – antes pertencente ao subsistema do Guadiana – mas Vila do Bispo e toda a costa vicentina persistem num subsistema relativamente marginalizado. Contudo, não detectamos, com os dados sociodemográficos, distinção assinalável entre as freguesias serranas do subsistema Serra e do subsistema Baixo Guadiana, embora esta separação seja feita pelo PROTAL, que obviamente tem outros factores em consideração dada a importância das unidades de paisagem na ocupação do solo. Há que reconhecer e sublinhar a diversidade do interior algarvio¹².

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pretendemos com este exercício exploratório actualizar algumas das perspectivas geográficas sobre o Algarve, partindo das coordenadas que tradicionalmente caracterizam a região. Através dos dados avançados, podemos concluir que um dos traços mais salientes da leitura dos mapas apresentados refere-se à intensificação da polarização entre a faixa litoral e a serra, que se expressa na expansão da urbanização pela área intermédia do barrocal.

A situação e a evolução de determinados concelhos são paradigmáticas a este respeito. São Brás de Alportel, um concelho interior, tem vindo a crescer exponencialmente devido à proximidade geográfica da cidade de Faro e à melhoria das vias de comunicação que ligam a vila à capital de distrito. Já Alcoutim, um concelho também interior mas mais a norte, serrano e afastado do litoral, persiste e agrava as suas condições de marginalização. Por outro lado, enquanto a costa vicentina continua associada às tendências de marginalização, apesar de casos pontuais de crescimento, Vila Real de Santo António, na outra ponta da região, integra agora o grupo mais urbanizado, desligando-se do Algarve Oriental, um território mais deprimido.

Observa-se, por um lado, uma dualidade estrutural entre as áreas de urbanização litorais (e parcialmente no barrocal) e a serra, que caminha para a marginalização inevitável. Por outro lado, a complexificação do sistema de urbanização tende a diversificar as centralidades territoriais e a fazer emergir novos focos de dinamismo nos mapas do Algarve. A observação de uma realidade mais complexa resulta muitas vezes da própria escala a que é colocada a leitura, comprovando que as escalas são da maior importância neste tipo de análise. Se por questões de ordem prática da administração pública e efectivo poder na gestão do território,

Marcos da Serra, Alferce, Monchique, Marmeleite, Aljezur). São Brás de Alportel, Loulé e Silves são os três concelhos que estão presentes nas aglomerações existentes funcionando ainda como eixos de articulação. A sua posição geográfica pode conferir-lhes especial importância na relação entre o Algarve urbano e o Algarve serrano.

¹² A este respeito ver, por exemplo, Moreno (2001) a propósito da distinção entre o Caldeirão Oeste e a Serra de Xisto.

o concelho é a referência, tal não impede que a leitura à freguesia, ou mesmo a níveis inferiores, se torne por vezes indispensável, reconhecendo que os fenómenos e processos territoriais raramente se deixam limitar por barreiras administrativas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bastos, C. (1993) *Os montes do Nordeste Algarvio*. Cosmos, Lisboa.
- Carmo, R. (2008) Portugal, sociedade dualista em questão: dinâmicas territoriais e desigualdades sociais. In F. C. da Silva, K. Wall, M. V. Cabral e S. Aboim (eds.), *Itinerários. A Investigação nos 25 Anos do ICS*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais: 373-394.
- Cavaco, C. (1976) *O Algarve Oriental: as vilas, o campo, o mar*. Gabinete do Planeamento da Região do Algarve, Faro.
- Ferrão, J. (2002) Portugal, três geografias em recombinação. *Lusotopie*, 2: 151-158.
- Gaspar, J. (1993) *As Regiões Portuguesas*. Ministério do Planeamento e da Administração do Território, Lisboa.
- Guerreiro, J. (coord.) (2008) Caracterização da Estrutura Económica do Algarve, NERA. <http://www.nera.pt/HomePage/Default.asp> [Acedido a 22 de Junho de 2009].
- MAOTDR, CCDR Algarve (2000) Estratégia de Desenvolvimento para a Região do Algarve 2000 – 2006, Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve. <http://www.ccdr-alg.pt/ccdr/parameters/ccdr/ccdr-alg/files/File/documentos/estrategia.pdf> [Acedido a 22 de Junho de 2009].
- MAOTDR, CCDRALg (2004) Plano Regional de Ordenamento do Território – PROT Algarve, Vol II- Caracterização e Diagnóstico, Anexo O – Ocupação Urbanística. http://www.territorioalgarve.pt/Storage/pdfs/Volume_II_ANEXO_O.pdf [Acedido a 22 de Junho de 2009].
- MAOTDR, CCDRALg (2006), Estratégia de Desenvolvimento do Algarve 2007-2013, http://www.ccdr- alg.pt/ccdr/parameters/ccdralg/files/File/documentos/ Estrategia_Algarve_2007-13.pdf [Acedido a 22 de Junho de 2009].
- MAOTDR, CCDRALg (2007) Plano Regional de Ordenamento do Território – PROT Algarve, Vol I- Plano. http://www.territorioalgarve.pt/Storage/pdfs/Volume_I.pdf [Acedido a 22 de Junho de 2009].
- Moreno, L. (2001) The deep rural context and micro-regional changes in Southern Portugal. In Jussila, Majoral e Delgado-Craividão (ed.) *Globalization and Marginality in Geographical Space*, Ashgate: 121-134.
- Prista Monteiro, P. (1993) *Sítios de Querença. Morfologias e Processos Sociais no Alto Barrocal Algarvio* Dissertação de Doutoramento, Instituto Superior de ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa.
- Ribeiro, O. (1998) *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*. Livraria Sá da Costa, Lisboa.

INFORMAÇÃO ESTATÍSTICA

- INE (1981, 1991, 2001) *Recenseamento Geral da População e da Habitação*. Lisboa.
- INE (2008) *Anuário Estatístico da Região do Algarve 2007*. Lisboa.